

A trégua acabou

Ricardo Leopoldo

Da equipe do **Correio**

São Paulo — Durou 24 horas a trégua que o mercado deu na segunda-feira para o governo. Um rumor — não confirmado — de que uma agência internacional de avaliação de risco reduziria a nota da dívida externa brasileira e o insucesso de um leilão de títulos públicos com vencimento para outubro foram as principais razões que realimentaram o nervosismo dos investidores.

A procura pelo dólar aumentou ontem à tarde de forma violenta. A moeda norte-americana fechou a R\$ 2,712, com alta de 2,78%, a maior em um dia desde setembro de 2001. A Bolsa de Valores de São Paulo terminou o pregão em baixa de 3%. O C-bond, principal título da dívida externa, também caiu. Depois de atingir US\$ 0,709, muitos bancos venderam o papel, o que derrubou sua cotação para US\$ 0,6656 às 18h15.

No fim da manhã, um forte boato rondava bancos e corretoras. Uma importante agência de classificação de risco estaria prestes a baixar a nota da dívida externa do Brasil. Enquanto não era confirmado ou negado, o rumor foi multiplicando o pânico dos investidores ao longo da tarde.

O dólar saltou de R\$ 2,66 às 12h18 para R\$ 2,688 às 14h20, logo depois do anúncio do resultado de um leilão de Letras do Tesouro Nacional (LTNs). O governo

não conseguiu vender todo o lote de papéis, de R\$ 2 bilhões. Foi negociado R\$ 1,8 bilhão, com juros mais salgados do que o esperado pelo mercado. A taxa anual média ficou em 18,9%, acima dos 18,7% aguardados pelos investidores.

Para muitos analistas, o resultado do leilão foi ruim. Foram vendidos títulos com vencimento de curto prazo, para dois de outubro, quatro dias antes do primeiro turno das eleições presidenciais. Portanto, os papéis serão pagos pelo governo FHC.

"Boa parte do mercado não está querendo mais rolar a dívida federal que vence ainda no mandato de Fernando Henrique Cardoso", comentou um diretor de um banco europeu. O nervosismo dos investidores fez com que na semana passada o governo antecipasse para o próximo ano o pagamento de R\$ 23 bilhões em títulos federais, com vencimento entre 2004 e 2006.

DÓLARES

O resultado do leilão de ontem, para especialistas, indicou que os investidores não querem mais papéis com remuneração atrelada aos juros. Bancos e fundos de pensão só querem comprar títulos aparentemente mais seguros, indexados ao dólar. "Na atual conjuntura, parece que o mercado se acalmará com a venda pelo governo de títulos cambiais e da moeda norte-americana", afirmou Sandra Utsumi, economis-

ta-chefe do Banco Espírito Santo Investimentos.

O apetite do mercado por dólares está relacionado à percepção dos investidores de que o câmbio subirá nos próximos meses por alguns fatores. Além das incertezas provocadas pelo cenário eleitoral, colabora também o grande volume de vencimentos de dívidas internacionais de empresas brasileiras que não serão roladas pelos credores.

De acordo com a agência *Reuters*, os vencimentos de empréstimos neste mês e em julho somam um total de US\$ 4,2 bilhões, acima da média mensal de R\$ 1,2 bilhão. Como haverá grande procura pela moeda e o mercado está conturbado, é bem provável que a cotação suba.

O pano de fundo do nervosismo dos investidores é a sucessão presidencial. Para muitos deles, a perspectiva do sucessor do presidente Fernando Henrique vir da oposição aumenta os riscos do próximo governo de dar um calote da dívida federal interna, que chegou em abril a R\$ 633 bilhões. Para muitos dirigentes de bancos, porém, o pânico voltou ao mercado devido também a erros da equipe econômica.

De acordo com um diretor de um grande banco internacional, o governo não poderia ter deixado o leilão de LTNs ter fracassado. "Os investidores estão muito apreensivos. Qualquer sinal negativo detona a procura por dólar", comentou. Para esse executivo, o governo deveria ter montado uma operação "chapa branca", com o Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e fundos de pensão, para garantir o sucesso da venda dos papéis do Tesouro.

AÇÃO

Outro diretor de banco estrangeiro chama a atenção para a "passividade" do Banco Central em conter a subida do dólar. O presidente do BC, Arminio Fraga, já comentou várias vezes que a instituição atuará no mercado de câmbio para coibir oscilações muito exageradas. "Ontem a cotação subiu de R\$ 2,636 para R\$ 2,712, uma alta de 2,78%. Isso é motivo mais que suficiente para o BC intervir", comentou.

Com todo esse movimento negativo do mercado, subiu a taxa de risco-país, que mede a diferença entre os juros pagos pelos títulos da dívida brasileira e papéis semelhantes emitidos pelo tesouro dos Estados Unidos. A cotação pulou de 1.103 para 1.232 pontos e fechou a 1.218 pontos. Isso significa que para comprar o C-bond, o investidor quer receber 12,18 pontos percentuais a mais do que o valor pago por um título norte-americano de vencimento semelhante.

Os investidores esperam, segundo analistas, um entre dois fatores para ficarem menos nervosos. Um deles seria uma rápida subida nas pesquisas eleitorais de José Serra, pré-candidato do PSDB à presidência. Como o tucano está bem distante de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), essa hipótese parece ser pouco provável para os próximos dias.

Na avaliação dos especialistas, seria mais eficaz o BC mostrar seu arsenal de combate à subida do dólar. Entre as medidas, uma seria o anúncio do governo de que vai ao Fundo Monetário Internacional sacar em breve os US\$ 10 bilhões que tem direito, segundo o último acordo firmado com a instituição. A redução do piso das reservas cambiais, de US\$ 20 bilhões, também iria mostrar ao mercado que o Banco Central tem mais munição disponível.